

# A Revolução Inacabada (1917-1967)

---

Isaac Deutscher

---

*Isaac Deutscher, historiador recentemente falecido, destacou-se como um dos mais importantes analistas dos problemas relacionados com a União Soviética. Publicou, entre outros trabalhos, biografias de Trotski e Stálin e estudos sobre a Revolução de Outubro, a Rússia de Stálin e o período pós-staliniano. O presente trabalho, publicado na New Left Review, constitui parte de um livro de Deutscher sobre a sociedade soviética e o caráter do socialismo naquele país.*

---

EM 1917 a Rússia realizou a última das grandes revoluções burguesas e a primeira revolução proletária na História da Europa. As duas revoluções mesclaram-se numa só. Essa função sem precedentes conferiu extraordinária vitalidade e *élan* ao nôvo regime; mas foi também a fonte de rigorosos esforços, tensões e convulsões cataclísmicas. Talvez eu devesse dar aqui, com o risco de estar discorrendo sobre o óbvio, uma breve definição de revolução burguesa. O ponto de vista tradicional, amplamente aceito ao mesmo tempo por marxistas e antimarxistas, é o de que em tais revoluções, na Europa

Ocidental, a burguesia desempenhou o papel de líder, pôs-se à frente do povo em revolta e tomou o poder. Tal opinião dá margem a muitas controvérsias entre os historiadores: como exemplo podemos citar a recente discussão entre o professor Hugh Trevor-Hope e o Sr. Christopher Hill quanto ao caráter burguês ou não da revolução de Cromwell.

Parece-me que essa concepção, qualquer que seja a autoridade a que ela seja atribuída, é esquemática e historicamente irreal. Partindo-se dela, podemos chegar à conclusão de que a revolução burguesa pouco passa de um mito e que mal chegou a ocorrer realmente, mesmo no Ocidente. Os empresários, negociantes e banqueiros capitalistas não se encontravam entre os líderes dos puritanos ou os comandantes da cavalaria de Cromwell, no Clube Jacobino ou à frente das multidões que tomaram de assalto a Bastilha ou invadiram o palácio das Tulherias. Tampouco empunharam as rédeas do governo durante a revolução ou mesmo por muito tempo depois, nem na Inglaterra nem na França. As classes médias inferiores, o proletariado urbano, os plebeus e os *sans culottes* compuseram os grandes batalhões revoltosos. Seus líderes eram, na maioria das vezes, proprietários rurais na Inglaterra e advogados, doutores, jornalistas e outros intelectuais na França. Tanto aqui como lá, as sublevações terminaram em ditadura militar. Contudo, o caráter burguês dessas revoluções não se manifestará absolutamente mítico se o abordarmos com um critério mais amplo e observarmos seu impacto geral na sociedade. Sua conquista mais substancial e duradoura foi a de eliminar as instituições sociais e políticas que entravavam o desenvolvimento da propriedade burguesa e das relações sociais dela provenientes. Quando os puritanos negaram à Coroa o poder de taxaço arbitrário, quando Cromwell assegurou para os donos de navios ingleses uma posição monopolista no comércio exterior da Inglaterra, e quando os jacobinos aboliram os privilégios e prerrogativas feudais, criaram, muitas vezes até inconscientemente, as condições pelas quais os fabricantes, negociantes e banqueiros ganhariam a predominância econômica e, a longo prazo, supremacia social e também política. A revolução burguesa cria as condições em que a propriedade burguesa pode florescer. Nisso, mais do que nos alinhamentos particulares durante a luta, reside sua *differentia specifica*.

É nesse sentido que podemos caracterizar a Revolução de Outubro como um misto de revoluções burguesa e proletária, ainda que ambas se tenham realizado sob a liderança bolchevique. A historiografia soviética corrente descreve a revolução de Fevereiro como burguesa e reserva o rótulo de "proletária" para a de Outubro. Essa

distinção também é feita por muitos historiadores ocidentais; e é justificada com base em que, em fevereiro, depois da abdicação do Tzar, a burguesia tomou o poder. Na verdade, a combinação das duas revoluções já aparece em fevereiro, sob forma nebulosa. O Tzar e seu último ministro foram derrubados por uma greve geral e uma insurreição em massa de trabalhadores e soldados, que imediatamente criaram seus Conselhos ou Soviets, os órgãos potenciais de um novo Estado. O príncipe Lvov, Miliukov e Kerenski tomaram o poder das mãos de um confuso e inseguro Soviet de Petrogrado, que voluntariamente se entregou a eles; e eles só exerceram esse poder durante o estrito prazo em que os soviéticos os toleraram. Mas seus governos não levaram a cabo nenhum ato importante da revolução burguesa. Sobretudo não dissolveram os estados agrários da aristocracia nem deram terras aos camponeses. Até mesmo como uma revolução burguesa a de Fevereiro foi uma revolução *manquêe*.

Tudo isso ressalta a prodigiosa contradição que os bolcheviques tiveram quando, em outubro, promoveram e comandaram a dupla sublevação. A revolução burguesa por eles dirigida criou as condições que favoreceram o desenvolvimento das formas burguesas de propriedade. A revolução proletária que eles efetuaram visava à abolição da propriedade. O ato principal da primeira foi a distribuição das terras da aristocracia. Isso criou uma ampla base potencial para o desenvolvimento de uma nova burguesia rural. Os camponeses que ficaram livres de aluguéis e dívidas e que tinham aumentado suas posses rurais estavam interessados num sistema social que oferecesse segurança para suas propriedades. Isso não era uma questão somente de exploração agrícola capitalista. A Rússia rural, como disse Lênin, era o terreno para proliferação do livre capitalismo — muitos dos empresários e negociantes da Rússia industrial tinham origem camponesa; e, com tempo e circunstâncias favoráveis, o campesinato poderia ter criado uma classe muito mais numerosa e moderna de empresários. O mais irônico é que em 1917 nenhum dos partidos burgueses, e nem mesmo os moderados socialistas, ousou sancionar a revolução agrária que se estava desenvolvendo espontaneamente, com força elementar, pois os camponeses já estavam tomando as terras da aristocracia bem antes da insurreição bolchevique. Aterrorizados com os perigos que ameaçavam a propriedade nas cidades, os partidos burgueses se recusaram a solapar a propriedade no campo. Os bolcheviques (e os Socialistas Revolucionários de Esquerda) colocaram-se sôzinhos à frente das revoltas camponesas. Eles sabiam que sem o levantamento no campo a revolução proletária seria isolada na cidade e derrotada. Os camponeses, temerosos de uma contra-revolução que

trouxesse de volta os senhores da terra, buscaram um apoio no regime bolchevique. Mas desde o início o aspecto socialista da revolução despertou-lhes desconfianças, temores ou hostilidade.

### OS TRABALHADORES INDUSTRIAIS

A revolução socialista foi apoiada sinceramente, sem reservas, pelas classes trabalhadoras urbanas. Mas essas classes representavam uma pequena minoria da nação. Um conjunto de um sexto da população, pouco mais de vinte milhões de pessoas no total, vivia nas cidades; e desses, apenas mais ou menos a metade poderia ser definida como proletariado. O verdadeiro núcleo da classe operária consistia de no máximo três milhões de homens e mulheres empregados na indústria moderna. Os marxistas confiavam em que os trabalhadores industriais deveriam ser a força mais dinâmica na sociedade capitalista, os principais agentes da revolução socialista. Os operários russos mais do que justificaram essa expectativa. Nenhuma classe na sociedade russa, e nenhuma classe trabalhadora no mundo, jamais atuou com a energia, a inteligência política, a habilidade de organização e o heroísmo com que os operários russos agiram em 1917 (e mais tarde na guerra civil). A circunstância de que a indústria moderna na Rússia consistia de pequeno número de enormes fábricas, concentradas principalmente em Petrogrado e Moscou, deu à concentração operária das duas capitais um extraordinariamente grande poder no próprio centro nervoso do *ancien régime*. Duas décadas de intensiva propaganda marxista, a lembrança recente das lutas de 1905, 1912 e 1914, a tradição de um século de empenho revolucionário e a sinceridade de propósitos dos bolcheviques prepararam os operários para assumir seu papel. Eles aceitavam como verdade indiscutível os objetivos socialistas da revolução. Não se satisfariam com coisa alguma que não incluísse a abolição da exploração capitalista, a socialização da indústria e dos bancos, o controle da produção pelos trabalhadores e o governo pelos Soviets. Deram as costas aos mencheviques, a quem inicialmente seguiram, porque estes lhes disseram que a Rússia não estava "madura para uma revolução socialista". Sua ação, como a dos camponeses, tinha força espontânea própria: eles estabeleceram o controle no terreno da produção fabril bem antes da Revolução de Outubro. Os bolcheviques os apoiaram e transformaram a rebelião nas fábricas em revolução socialista.

Contudo, Petrogrado e Moscou, além de alguns outros poucos centros industriais esparsos, constituíam uma base extremamente li-

mitada para tal empreendimento. Não só o povo da imensa maioria da Rússia rural se empenhava em adquirir propriedade enquanto os trabalhadores das duas capitais se esforçavam por destruí-la; não só estava a revolução socialista em implícito conflito com a burguesa; além do mais, estava impregnada de suas próprias contradições internas. A Rússia estava e não estava madura para a revolução socialista. Estava mais apta a enfrentar suas tarefas negativas do que as positivas. Guiados pelos bolcheviques, os trabalhadores expropriaram os capitalistas e transferiram o poder para os Soviets; mas não puderam estabelecer uma economia socialista e um modo de vida socialista; e não foram capazes de manter sua posição política dominante por muito tempo.

#### AS ESPERANÇAS CAMPONESAS

A princípio, o caráter duplo da revolução foi, como já se disse, a fonte de suas forças. Se a revolução burguesa tivesse sido realizada mais cedo (ou se, no tempo da Emancipação, em 1861, os servos libertos tivessem recebido terras de forma justa), o campesinato poderia ter se tornado uma força conservadora; e ter-se-ia oposto à revolução proletária, como o fez na Europa Ocidental, particularmente na França, durante todo o século XIX. Seu conservadorismo poderia então ter influenciado até os trabalhadores urbanos, muitos dos quais tinham raízes no campo. Uma ordem burguesa teria tido muito maior poder de resistência do que o possuído pelo regime semifeudal e semiburguês. A conjunção das duas revoluções tornou possível a aliança entre operários e camponeses pela qual Lênin lutou; e isto capacitou os bolcheviques a vencer a guerra civil e resistir à intervenção estrangeira. Embora as aspirações dos operários estivessem em implícita contradição com as dos camponeses, nenhuma das duas classes estava ainda consciente disso. Os operários regozijavam-se com a vitória dos mujiques sobre os senhores das terras; e não viam nenhuma contradição entre sua própria luta pela economia coletivista e o individualismo econômico do campesinato. A contradição só se tornou aparente e aguda perto do fim da guerra civil, quando o campesinato, não mais inibido pelo receio de um retorno dos senhores da terra, defendeu fortemente esse individualismo.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Essa foi a atitude predominante, ainda que estivesse o próprio campesinato dividido em ricos e pobres, e ainda que pequenos grupos de camponeses esclarecidos houvessem formado, espontaneamente, cooperativas e comunas logo depois da revolução e no início de 1920.

Daí em diante a contradição entre cidade e campo e o choque entre as duas revoluções dominaram a cena doméstica da URSS durante pelo menos duas décadas, ao longo dos anos de 1920 e 1930; e suas conseqüências obscurecem tôda a história soviética. As vicissitudes são bastante familiares; Lênin, em seus últimos anos, tentou resolver o dilema pacificamente, por meio da Nova Política Econômica e uma economia mista; mas, por volta de 1927 ou 1928, a tentativa fracassou. Stálin procurou então resolver a contradição à força e enveredou pela chamada coletivização maciça do campo. Ele separou a revolução socialista da burguesa, aniquilando esta última.

Karl Marx e seus discípulos descjavam que a revolução proletária fôsse isenta das convulsões violentas, da falsa consciência e dos traços de irracionalidade que caracterizaram a trajetória da revolução burguesa. É claro que êles tinham em mente a revolução socialista em sua "forma pura"; êles tinham em conta que ela ocorreria em países industrialmente avançados, em sociedades com alto nível de desenvolvimento econômico e cultural. É muito fácil — mas também irrelevante — contrastar essas firmes esperanças com a efervescência de irracionalidade nesse meio século de história soviética. Grande parte dessa irracionalidade originou-se nas contradições entre as duas revoluções russas, pois estas produziram longa série de crises que não poderiam ser superadas com métodos normais de governo, acomodação política ou manobra. A conjunção das duas revoluções tornou-se a fonte da fraqueza soviética.

#### ESPERANÇAS E REALIDADES

A irracionalidade das revoluções puritana e jacobina projetou-se amplamente para além do choque entre as grandes esperanças dos povos revoltosos e as limitações burguesas dessas revoluções. Para as massas em revolta nenhuma revolução é jamais burguesa. Elas lutam pela liberdade e igualdade, ou pela fraternidade entre os homens, e o bem-estar comum. A crise vem quando as classes e os grupos possuidores se tornam impacientes para ter em mãos o lucro máximo dos benefícios que a revolução lhes trouxe e acumular riquezas. Como para êsses grupos a revolução se limita a isso, êles rompem com ela, ou procuram dar-lhe um *basta*, exatamente quando as massas plebéias, desesperadas com as privações e a fome, pressionam no sentido da realização de transformações sociais mais radicais. Foi isso que aconteceu na França, no declínio do jacobinismo, quando os *nouveaux riches* clamaram pela abolição do *maximum* e pelo mercado livre. Os

plebeus descobriram então que as suas conquistas revolucionárias eram falsas, que *Liberté* não passava da liberdade do trabalhador vender sua força de trabalho e que *Egalité* significava que ele podia barganhar com o patrão no mercado de trabalho em termos nominalmente iguais. Na Inglaterra foi o momento em que os Diggers e os Levellers descobriram o poder de propriedade no Commonwealth. Cruel desengano... Surgem dissensões no partido da revolução. Os líderes se separam violentamente em virtude da lealdade a grupos em conflito. E a intensidade de paixão e ação, que era a força criadora da revolução durante seu período de ascenso transforma-se numa força destrutiva no período de estagnação e declínio. Encontramos muito disso também na Rússia, bem cedo, logo depois da guerra civil, quando o campesinato forçou o governo de Lênin a proclamar respeito pela propriedade privada e a restaurar o mercado livre, enquanto a Oposição Operária denunciava isso como uma traição ao Socialismo e exigia igualdade.

A situação da revolução russa tornou-se ainda mais grave porque a Rússia se viu envolvida também nas contradições inerentes a qualquer revolução socialista que se realize num país subdesenvolvido. Marx fala do "embrião de socialismo que cresce e amadurece no interior do útero da sociedade burguesa". Pode-se dizer que na Rússia a revolução socialista interveio num estágio bem precoce da gestação, muito antes do embrião ter tido tempo de amadurecer. O parto não foi nem o de um natimorto, nem o de um corpo já perfeitamente formado do socialismo.

Pode-se perguntar o que exatamente os marxistas querem dizer com essa metáfora. Não há dúvida de que a pergunta é relevante para o nosso tema e — incidentalmente — também para os problemas da sociedade ocidental. Marx descreve a maneira pela qual a indústria moderna, tendo substituído os artífices independentes, os artesãos e os fazendeiros por trabalhadores assalariados, modificou todo o processo pelo qual o homem dá provimento a sua vida, o processo de produção, transformando-o de uma massa de esforços individuais isolados numa atividade coletiva e agregada de grande número de produtores associados. Com a divisão do trabalho e o avanço tecnológico, nossas forças produtivas se desenvolvem de modo cada vez mais interdependente; e elas se tornam, ou tendem a se tornar, socialmente integradas em escala nacional e até mesmo internacional. Essa é exatamente a "socialização" do processo produtivo — o embrião de socialismo no útero do capitalismo. Esse tipo de processo produtivo requer planificação e controle social; a propriedade ou o controle privados se chocam com isso. O controle privado, mesmo quan-

do exercido pelas grandes corporações modernas, secciona e desorganiza um mecanismo social essencialmente integrado, que necessita ser integrado de modo atualizado e racional.

A pugna marxista contra o capitalismo repousa amplamente, embora não exclusivamente, nesse argumento. O mesmo acontece com sua luta pelo socialismo. A principal pré-condição histórica do socialismo parece estar no pleno desenvolvimento do caráter social do processo produtivo. Sem ela o socialismo seria um castelo no ar. Tentar impor contróle social num modo de produção que não é inerentemente social é tão incongruente e anacrônico quanto manter contróle privado ou seccional sôbre o processo produtivo que é social.

### A SITUAÇÃO DE ESCASSEZ

Na Rússia faltava essa pré-condição básica para o socialismo, da mesma maneira como falta em qualquer país subdesenvolvido. A agricultura, na qual mais de três quartos da população ganhava a vida, estava fragmentada em 23 ou 24 milhões de pequenas propriedades, controlada pelas forças espontâneas do mercado. A indústria nacionalizada em um pequeno enclave nessa economia primitiva e anárquica. Isso significa que a Rússia não possuía outro pré-requisito essencial de socialismo: uma abundância de bens e serviços que a sociedade deve ter para satisfazer — num alto nível de civilização — as necessidades de seus membros de modo aproximadamente equalitário. Há não muito tempo a indústria russa não podia nem mesmo produzir os bens que qualquer nação moderna necessita para seu funcionamento normal. Mas o socialismo não pode estabelecer-se sôbre a necessidade e a pobreza. Enquanto estas existirem, tôdas as suas aspirações são impotentes. A escassez gera desigualdade, inexoravelmente. Onde não há bastante comida, roupa e moradia, para todos, uma minoria se apodera de tudo que pode; enquanto o resto passa fome, veste-se de andrajos e se aglomera promiscuamente em barracos. A Rússia estava condenada a sofrer tudo isso.

Além do mais, o verdadeiro ponto de partida foi o de um completo desastre. Depois dos anos de guerra mundial, guerra civil e intervenção estrangeira, a pequena indústria que a Rússia possuía arruinou-se. A maquinaria e os estoques foram consumidos. Economicamente, a nação sofreu um retrocesso de mais de meio século. Os habitantes das cidades queimaram as mobílias para aquecer suas casas. Milhões de camponeses passavam fome e perambulavam pelo país em busca de alimentos. Os poucos milhões de operários que ha-



viam erguido as barricadas em 1917 se dispersaram e deixaram de existir como força social coerente. Os mais bravos dentre eles haviam morrido na guerra civil; outros assumiram postos na nova administração, no exército e na polícia; grande número abandonou as cidades assoladas pela fome; e os poucos que ficaram gastaram mais tempo mercadejando do que trabalhando e se tornaram *déclassés*, e foram itagados pelos mercados negros. Eram essas as circunstâncias básicas no tempo em que os bolcheviques, no início de 1920, tentavam dar forma definida e consolidar seu regime. Agindo em tais circunstâncias, eles não podiam se fiar na classe que eles próprios consideravam como vanguarda, a classe que deveria ser artífice do novo Estado, a espinha dorsal da nova democracia, o agente principal do socialismo. Essa classe se tinha dissolvido física e politicamente. Assim, enquanto a revolução burguesa, apesar da fome que assolava o país, sobrevivia em realidades palpáveis da vida rural, a revolução socialista vagava no espaço como um fantasma.

#### "LOCUM TENENTES"

Foram essas as origens autênticas da chamada degeneração burocrática do regime. Nas circunstâncias em que foram aplicadas, expressões como "ditadura do proletariado", "democracia soviética", "contrôle operário da indústria", quase não passavam de *slogans* vazios, nos quais ninguém poderia encontrar nenhum conteúdo. A idéia de democracia soviética, tal como Lênin, Trotski e Bukharin a enunciaram, pressupunha a existência de uma ativa e eternamente vigilante classe operária, afirmando se não só contra o *ancien régime* mas também contra qualquer nova burocracia que pudesse ameaçar ou usurpar o poder. Como a classe operária estava fisicamente ausente, os bolcheviques resolveram agir como seus lugar-tenentes e fiduciários pelo tempo necessário a que a vida se tornasse mais normal e que uma nova classe operária pudesse formar-se. Consideraram seu dever exercer eles próprios durante esse período a "ditadura do proletariado" em nome de um inexistente, ou quase inexistente, proletariado. Tal procedimento levou à ditadura burocrática, ao poder sem controle e à corrupção pelo poder.

Não é que os bolcheviques não tivessem consciência do perigo. Difícilmente eles se surpreenderiam com a frase de Lord Acton a respeito de poder.<sup>2</sup> Teriam concordado com êle. Além disso, eles com-

<sup>2</sup> "O poder corrompe; o poder absoluto corrompe em termos absolutos."

prenderam algo que Lord Acton e seus discípulos deixaram passar, ou seja, que propriedade também é poder, poder concentrado, e que a propriedade semimonopolística das grandes corporações é poder absoluto que age muito mais efetivamente quando protegido por uma democracia parlamentar. Os bolcheviques também estavam perfeitamente conscientes dos perigos do poder na sociedade pós-capitalista — mas nem por isso eles sonhariam com a eliminação do Estado. Eu, pelo menos, não conheço nenhum livro que examinasse de modo tão profundo as raízes da corrupção pelo poder como *O Estado e a Revolução* (escrito de modo um tanto escolástico e dogmático) de Lênin. Havia, portanto, um elemento trágico no destino dos bolcheviques: toda sua profunda e aguda consciência do perigo não os salvou dele e toda sua aversão à corrupção não os impediu de sucumbir a ela.

### ELITE E CLASSE

Como partido revolucionário, eles não tinham escolha, a não ser que eles próprios abdicassem e se despojassem do poder, entregando-o aos inimigos que tinham acabado de ferrotar na guerra civil. Santos ou loucos agiriam assim; mas os bolcheviques não eram uma coisa nem outra. Inesperadamente eles se encontraram numa posição que, *mutatis mutandis*, era comparável à dos decembristas, dos populistas e dos *narodnovoltsi* no século XIX, a posição de uma elite revolucionária sem uma classe revolucionária atrás de si. Mas agora a elite era o governo, de posse de uma fortaleza sitiada que fôra precariamente salva mas que ainda precisava ser defendida, reconstruída das ruínas e dirigida para as bases de uma nova ordem social. Fortalezas sitiadas dificilmente são governadas sempre com métodos democráticos. Os vencedores de uma guerra civil raramente se podem dar ao luxo de conceder liberdade de expressão e de organização aos vencidos, especialmente quando estes são respaldados por poderosos estados estrangeiros. Como regra geral resulta no monopólio do poder pelos vencedores.<sup>3</sup> O sistema de partido único tornou-se para os bolcheviques uma necessidade inelutável. Sua própria sobrevivência e, sem dúvida, a sobrevivência da revolução dependiam disso. Eles não objetivaram

<sup>3</sup> A Guerra Civil Americana parece ser uma exceção. No entanto, esta foi uma guerra civil que não dividiu a nação como um todo, nem antagonizou as classes através de todo o país. O Norte estava virtualmente unido em sua determinação de evitar a secessão dos estados sulistas; sua superioridade e sua preponderância nunca estiveram em perigo; e não havia intervenção armada estrangeira.

êsse sistema com nenhuma premeditação. Estabeleceram-no com ressalvas, como expediente temporário. O sistema de partido único era contra as inclinações, a lógica e as idéias de Lênin, Trotski, Kamenev, Bukharin, Lunacharski, Rikov e muitos outros. Mas a lógica da situação prevaleceu e sufocou suas idéias e seus escrúpulos. O expediente temporário tornou-se a norma. O sistema de partido único adquiriu uma permanência e um *momentum* próprios. Por um processo análogo à seleção natural, depois da morte de Lênin o partido encontrou hierárquicamente seu líder em Stálin, que, por sua notável habilidade aliada a um caráter despótico e a uma extrema inescrupulosidade, era o mais adequado para empolgar o monopólio do poder. Adiante examinaremos o uso que êle fêz do poder transformando a estrutura social da União Soviética e como essa verdadeira transformação, que constantemente manteve a sociedade em extraordinário fluxo, ajudou a perpetuar seu poder. E o próprio Stálin se considerava a encarnação do proletariado e da revolução. Kruschew, em seu relatório de 1956 sôbre as crueldades e os crimes de Stálin, disse: "Stálin estava convencido de que isso era necessário para a defesa dos interesses das classes trabalhadoras... Êle olhava para tudo isso do ponto de vista... do interesse do povo trabalhador, do socialismo e do comunismo. Não podemos dizer que fôsem atos de um déspota alucinado... Reside nisso tôda a tragédia". No entanto, se os bolcheviques a princípio se sentiram autorizados a agir como fiduciários da classe operária apenas durante o interregno de seu dispersamento e virtual ausência, Stálin deteve o poder autocrático com tôda sua força durante muito tempo depois disso, diante de um reagrupamento e de um rápido desenvolvimento da classe operária; e êle usou todos os recursos de terror e de trapaças para impedir que os trabalhadores e o povo em geral reclamassem seus direitos e sua herança revolucionária.

A consciência do partido estava em perpétuo conflito com essas realidades do monopólio do poder. Já em 1922 Lênin, apontando de seu leito de morte para Stálin, alertou o partido contra o "Grande Tirano", o *dzierzhimorda*, o grande chauvinista russo, que estava voltando para oprimir os fracos e desamparados; e confessou que lastimava ser "profundamente culpado ante os trabalhadores da Rússia" por não havê-los prevenido disso há mais tempo. Três anos depois Kamenev tentou em vão invocar o testamento de Lênin num tempestuoso Congresso do partido. Em 1926, Trotski, numa sessão do Politburo, também apontando para Stálin, lançou em sua face as palavras: "Coveiro da revolução". "Êle é o nôvo Gengis Khan — foi a aterrorizada premonição de Bukharin em 1928 — êle vai trucidar todos nós... êle vai afogar em sangue os levantes dos camponeses". E

essas não eram apenas observações fortuitas feitas por alguns líderes. Atrás desses homens sempre surgiam novas oposições, procurando trazer o partido de volta a suas tradições democráticas revolucionárias e às práticas socialistas. Foi isso que a Oposição Operária e os Centralistas Democráticos tentaram fazer desde 1921 e 1922, que os trotskistas fizeram de 1923 em diante, os zinovievistas de 1925 a 1927, os bucharinistas em 1928 e 1929, além de outros grupos menores e menos articulados, stalinistas inclusive, em várias outras ocasiões.

### O MONOPÓLIO DE PODER

Não cabe aprofundar aqui a história dessas lutas e desses expurgos — já relatados em outro trabalho. Naturalmente, como as sucessivas cisões foram sendo suprimidas, o monopólio de poder se desenvolveu sempre estreita e rigidamente. A princípio o partido único ainda concedeu liberdade de expressão e iniciativa política pelo menos para seus próprios membros. Em seguida a oligarquia dominante privou-os dessa liberdade; e o monopólio do partido único se tornou, de fato, o monopólio de uma simples facção, a facção stalinista. Na segunda década da revolução o modelo totalitário tomou forma. Finalmente, a norma da facção única transformou-se em norma pessoal de seu chefe. O fato de Stálin só ter podido estabelecer sua autocracia sobre os cadáveres da maioria dos líderes originais da revolução e seus seguidores, e que tivesse de passar por cima dos cadáveres até mesmo de bons stalinistas, dá bem a medida da profundidade e da força da resistência que ele teve de quebrar.

As metamorfoses políticas do regime foram acompanhadas de uma degradação das idéias de 1917. O povo se deu conta de que o socialismo requeria não apenas propriedade estatal e planificação, rápida industrialização, coletivização e educação popular, mas que algo como o chamado culto à personalidade, francos privilégios e veemente antiigualitarismo, e onipotência da polícia, também eram parte e parcela da nova sociedade. O marxismo, a mais crítica e irreverente das doutrinas, foi esvaziado de seu conteúdo e reduzido a uma série de sofismas ou cânones semi-eclesiásticos, destinados a justificar todas as decisões de Stálin e todos os seus caprichos pseudo-teóricos. Os efeitos devastadores de tudo isso sobre a ciência, a arte e a literatura soviéticas, e mesmo sobre o clima moral do país, são bem conhecidos. E como o stalinismo foi, durante três décadas, a doutrina oficial de uma organização mundial, esse aviltamento do socialismo e do marxismo teve sérias repercussões também no âm-

bito internacional, especialmente no movimento operário ocidental; pretendemos examinar isto num contexto diferente.

A revolução russa teve alguns traços de irracionalidade em comum com as revoluções burguesas das quais ela foi a última. É esse, em certo sentido, o elemento burguês que há em seu caráter. Como mestre dos expurgos, Stálin foi um descendente de Cromwell e de Robespierre. Mas seu terror foi muito mais cruel e repulsivo que o dos outros dois, pois ele exerceu o poder por um período muito maior, em circunstâncias mais aterrorizantes, e num país acostumado através dos tempos à bárbara brutalidade em suas normas. Stálin, relembráramos, foi também descendente de Ivã o Terrível, Pedro o Grande, Nicolau I e Alexandre III. Na verdade, o stalinismo pode ser definido como um amálgama de marxismo com o atraso primitivo e selvagem da Rússia. Em todo caso, na Rússia, as aspirações da revolução e suas realidades estavam muito mais em desacôrdo do que em qualquer outro lugar; e assim houve muito mais sangue e muito mais hipocrisia para encobrir a terrível discrepância.

#### A CONTINUIDADE DA REVOLUÇÃO

Em que então, pode-se perguntar, reside a continuidade da revolução? Que realidade apresenta ela depois de tôdas essas metamorfoses políticas e ideológicas, depois de tantas erupções de terror e outros cataclismas? Perguntas semelhantes surgiram com referência a outras revoluções. Onde e quando, por exemplo, teve a Revolução Francesa um desfecho? Terá sido quando os jacobinos estavam suprimindo a Comuna e os *Enragés*? Ou quando Robespierre subiu os degraus da guilhotina? No instante da coroação de Napoleão? Ou no seu destronamento? A maioria desses acontecimentos, apesar de seu caráter drástico, estava envolta em ambigüidade; somente a queda de Napoleão marca inequivocamente o fim do ciclo histórico. Na Rússia, semelhante ambigüidade envolve acontecimentos como a revolta de Kronstadt em 1921, a derrota de Trotski em 1923, sua expulsão em 1927, os expurgos da década de 30, o relatório de Kruschchev sobre Stálin em 1956, para mencionar apenas alguns. Os sectários argumentarão indefinidamente a respeito dessas quebras na continuidade e apontarão para aquela dentre elas em que a revolução foi "finalmente" traída e derrotada. (Curiosamente, o próprio Trotski, nos anos de seu último exílio, tentou persuadir alguns de seus superzealous seguidores que a revolução não chegara a um fim com sua própria deportação.) Essas disputas sectárias têm seu significado

próprio, especialmente para historiadores que podem delas inferir muitos pingos de verdade. Historiadores franceses, os melhores dentre eles, estão até hoje divididos em pró e antijacobinos, dantonistas, robespierristas, hebertistas, defensores da Comuna, termidorianos e antitermidorianos, bonapartistas e antibonapartistas; e suas controvérsias têm tido sempre estreita correlação com as preocupações políticas correntes dos franceses. Estou convencido de que os historiadores estarão da mesma maneira divididos durante muitas gerações, assim como nós participantes do movimento comunista nas décadas de 20 e 30 estávamos divididos em trotskistas, stalinistas, bukharinistas, zinovievistas, etc.; e acredito que alguns dêles seriam capazes de produzir, sem hesitação ou embaraço, apologias também aos mencheviques e social-revolucionários. Mas a pergunta a respeito da continuidade da revolução não é respondida com tais disputas — ela as transcende. Ela deve ser, e é, julgada com outro critério mais amplo. Não precisamos ir tão longe quanto Clemenceau, que certa vez disse que “a revolução é um bloco único do qual nada pode ser seccionado”. Mas alguma coisa pode ser dita próxima de suas palavras, mesmo se o “bloco” é uma liga com grande porção de base metálica.

Um modo de proceder com nosso problema é dizer que os contemporâneos de uma revolução reconhecem sua continuidade pelas atitudes que tomam em relação a ela, por seus atos e pensamentos políticos. Eles agem assim também em nossos tempos. A grande divisão de 1917 ainda aparece tão grande como sempre na consciência da humanidade. Para os nossos estadistas e ideólogos, e mesmo para as pessoas comuns, os objetivos que ela se fixou ainda não foram alcançados. E o fato de os governantes e os líderes da União Soviética nunca haverem cessado de invocar suas origens revolucionárias também tem tido sua lógica e suas conseqüências. Todos eles, inclusive Stálin, Kruschev e os sucessores de Kruschev, tiveram de cultivar na mente de seu povo o sentido de continuidade da revolução. Tiveram de reiterar os compromissos de 1917, mesmo quando eles próprios os estavam desrespeitando; e tiveram de reformular, mais de uma vez, as práticas da União Soviética em seu caminho para o socialismo. Esses compromissos e essas práticas foram inculcados em tôdas as novas gerações e todos os grupos, na escola e na fábrica. A tradição da revolução dominou o sistema soviético de educação. Isto é, em si, um poderoso fator de continuidade. Na verdade, o modelo da educação é planejado para ocultar as quebras na continuidade, falsear a história e eludir suas contradições e irracionalidades. Até hoje, apesar de tudo isso, o sistema educacional

tem constantemente reavivado no povo uma consciência de sua herança revolucionária.

#### DOMÍNIO DA PROPRIEDADE

Por trás desses fenômenos ideológicos e políticos está a real continuidade de um sistema baseado na abolição da propriedade privada e na completa nacionalização da indústria e dos bancos. Todas as mudanças no governo, liderança partidária e linhas políticas não afetaram essa básica e inviolável "conquista de Outubro". Este é o alicerce em que repousa a continuidade ideológica. As relações de propriedade ou as formas de propriedade não são um fator passivo ou indiferente no desenvolvimento da sociedade. Sabemos quão profundamente a transformação das formas feudais para as formas burguesas de propriedade alterou o modo de vida e a configuração da sociedade ocidental. É fácil compreender, portanto, como a plena propriedade estatal dos meios de produção acarreta uma transformação a longo prazo mais fundamental e de aspectos mais diversificados. Seria errado pensar que se trata de uma diferença apenas quantitativa entre a nacionalização de, digamos, 25 por cento da indústria e 100 por cento da propriedade pública. A diferença é qualitativa. Numa sociedade industrial moderna a propriedade pública destina-se a criar uma essencialmente nova ambiência para as atividades criadoras e os objetivos culturais do homem. Considerando que a Rússia pós-revolucionária não era uma sociedade industrial moderna, a propriedade estatal *per se* não poderia criar essa qualitativamente nova ambiência, mas apenas alguns de seus elementos. Mas mesmo isso já era bastante para influenciar decisivamente a evolução social da União Soviética e dar certa unidade aos processos de sua transformação social.

Falamos a respeito da incongruência da tentativa de estabelecer controle social sobre um processo produtivo que não é social em caráter, e também sobre a impossibilidade de um socialismo baseado em privação e escassez. Toda a história da União Soviética nesses 50 anos foi uma luta, em parte com êxito em parte não, para eliminar essa incongruência e superar a privação e a escassez. Isso significa, em primeiro lugar, industrialização intensiva como meio de atingir um fim, e não como um fim em si. As relações de propriedade feudais e mesmo burguesas podem ser compatíveis com estagnação econômica ou com um ritmo lento de desenvolvimento; a propriedade estatal não pode, especialmente quando foi estabelecida num

país subdesenvolvido por meio de uma revolução proletária. O sistema traz dentro de si a compulsão para o avanço rápido, a necessidade de empenhar-se por abundância, e a urgência de desenvolver esse processo produtivo social que exige controle social racional. No decorrer do avanço, que obrigou a Rússia a enfrentar dificuldades maiores do que as que ela teria de enfrentar com guerras, corrida armamentista e desperdício burocrático, sempre surgiram novas contradições; e os meios e os fins estavam sempre misturados. Como a riqueza nacional foi sendo acumulada, a massa de consumidores, que são também os produtores, era exposta a contínuas e sempre agravadas necessidades e pobreza; e o controle burocrático sobre todos os aspectos da vida nacional substituiu o controle social e a responsabilidade. A ordem de prioridade estava como que invertida. As formas de socialismo tinham sido forjadas antes do conteúdo — a substância econômica e cultural —; e como o conteúdo estava sendo gerado, as formas se deterioraram ou foram distorcidas. Inicialmente, as instituições sociopolíticas criadas pela revolução pairavam muito acima do atual nível da existência material e cultural da nação; então, como esse nível cresceu, a ordem sociopolítica foi imposta de cima para baixo pela força bruta da burocracia e do stalinismo. Mesmo o fim foi baixado para o nível dos meios; a imagem ideal de uma sociedade sem classes foi puxada para baixo, para as misérias desse período de transição e para as duas necessidades de uma primitiva acumulação de riqueza.

## O FUTURO

Essa inversão das prioridades sociais, essa confusão de meios e fins, e a resultante inarmônica entre as formas e o conteúdo da vida nacional são as raízes mais profundas das crises, das comoções e agitações da era pós-stalinista. O controle burocrático, que substituiu o controle social, tornou-se um entrave ao progresso posterior; e a nação anseia por manejar sua própria riqueza e ser dona de seus próprios destinos. Ela não sabe exatamente como exprimir suas aspirações e o que fazer com elas. Décadas de normas totalitárias e disciplina monolítica privaram o povo de sua capacidade de expressão própria, ação espontânea e organização própria. Os grupos dirigentes remendam as coisas com reformas econômicas, afrouxam seus grampos na consciência nacional e fazem tudo que podem para manter o povo desarticulado e passivo. Esses são os limites da desestalinização oficial, atrás da qual se desenvolve furtivamente uma de-



sestalinização não oficial, uma ampla expectativa de uma transformação de conteúdo e forma. Ambas, a política oficial e a ação não oficial, alimentam-se das lembranças não dissipadas ou revividas do período heróico inicial da revolução com suas muito maiores liberdade, racionalidade e humanidade. Esse aparente retôrno ao passado, com a incessante peregrinação ao túmulo de Lênin, provavelmente encobre uma incômoda pausa entre a era de Stálin e algum nôvo ponto de partida no pensamento criador e na ação histórica da União Soviética. Qualquer que possa ser o mal-estar, as esperanças e as tentativas da era pós-stalinista demonstram a seu próprio modo a continuidade da época revolucionária.

(Tradução de Luís Fernando Cardoso)